

A IMPORTÂNCIA DA CULTURA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA E O PAPEL DA LITERATURA NESTE CONTEXTO

Albérís Eron Flávio de Oliveira¹
(UFRN/IFRN)

Ana Graça Canan²
(UFRN)

RESUMO

Retiramos o conceito de cultura de Laraia (2001) para refletirmos sobre a sua aplicação no processo de ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira. Segundo ele, cultura é o conceito que diferencia a espécie humana em relação às demais e cuja complexidade de sentido inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e outros hábitos adquiridos pelo homem ao longo de sua vida. Na área que trata do processo de Ensino e Aprendizagem de Línguas, em Linguística Aplicada, tem se percebido que ao se ensinar uma língua estrangeira, ensina-se, concomitantemente, valores culturais, uma vez que quando se fala se profere palavras que adquirem sentido somente quando dentro de determinados contextos sociais. Assim, a relação entre Língua e Cultura torna-se algo indissociável. A discussão em torno dessa questão, também parece ser fato consumado no Brasil e na Europa, pelo menos é o entendimento dos documentos oficiais do MEC e no Marco Comum Europeu. Tanto Byram (1989), quanto Nunan (1992), Kramsch (1993) e Morin (2007) pensam nessa direção. O nosso objetivo nesse trabalho é incluir a Literatura como forma de cultura, no processo de ensino e

¹ Graduado em Letras com habilitação em Línguas portuguesa e Inglesa (1997), especialista em Literatura comparada (2008) e em Educação de Jovens e Adultos (2011). Mestre em Literatura Americana pela UFRN e doutorando em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PpGel) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. O artigo apresentado está diretamente relacionado com o desenvolvimento sua tese de doutorado, em andamento. Email: eronflavio@hotmail.com.

² Doutora em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PpGel) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. É professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: canan@globocom.br.

aprendizagem de uma nova Língua. Assim, pretendemos justificar a importância da Literatura nas salas de aulas de língua inglesa, como instrumento de veiculação de cultura e facilitação da aprendizagem de uma nova língua.

Palavras-Chave: Língua. Cultura. Literatura. Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

É a partir de Laraia (2001) que retiramos o conceito de cultura para refletirmos sobre a sua aplicação no processo de ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira. Cultura, segundo ele, é o conceito que diferencia a espécie humana em relação às demais e cuja complexidade de sentido inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e outros hábitos adquiridos pelo homem ao longo de sua vida, em seu convívio social. Para ele, dados relacionados aos determinismos biológico e geográfico são insuficientes para elucidar o comportamento das pessoas³ e dos povos.

Ao pensarmos nos processos de produção de conhecimento nos dias atuais, percebemos que, com as transformações que têm acontecido – como consequências da globalização, por exemplo –, a discussão a respeito do modo mais adequado e preciso de se produzir conhecimento tem tido espaço garantido. Um ponto comum que existe na maioria dos debates em relação ao modo de se produzir ciências – nas mais diversas áreas de conhecimento⁴ – é o fato de que se faz necessário ir além da maneira positivista⁵ de pensar o mundo e as relações das pessoas com ele.

Não se pode mais aprender “sobre” os fatos, como se eles fossem gerados naturalmente, sem a relação de causa e efeito – como se eles fossem elementos

³ A cultura age seletivamente – e não casualmente. Através de estudos sobre vários povos, foi possível constatar que mesmo nos mesmos ambientes, haviam culturas diferentes e que existiam culturas bastante semelhantes em espaços físicos diferentes (LARAIA, 2001).

⁴ Educação, Psicologia, Sociologia, Arte, Linguística, por exemplo.

⁵ Nesse sentido, a aparência da cultura em aulas de línguas estrangeiras se limita a um modelo estruturalista da mesma, na qual ela se apresenta como uma entidade monolítica que somente pode ser vista como se fosse uma mera coleção de fatos (SOBRAL, P.; JOUËT-PASTRÉ, C., 2004. p.225)

desvinculados da realidade. Nesse sentido, a cultura tem tido um papel de significativa relevância. A partir dela muito se pode elucidar da relação do homem com o mundo.

Na área que trata do processo de Ensino e Aprendizagem de Línguas, em Linguística Aplicada, por exemplo, tem se percebido que ao se ensinar uma língua estrangeira, ensina-se, concomitantemente, valores culturais, uma vez que quando se fala se profere palavras que adquirem sentido somente quando dentro de determinados contextos sociais – contextos tais que são regidos por normas e valores culturais específicos, portanto. Assim, a relação entre Língua e Cultura torna-se algo indissociável.

Nesse ponto há um entendimento, entre teóricos e estudiosos do assunto – quando esse é voltado para o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras –, dentre os quais podemos citar Kramsch (1989), Nunan (1992) e Byram (1993). Eles defendem a necessidade da presença do tema da cultura no centro desses processos.

A discussão em torno dessa questão, também parece ser fato consumado no Brasil, pelo menos é o entendimento dos documentos oficiais do MEC (Ministério da Educação e Cultura). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), por exemplo, que norteiam o ensino de Línguas nas escolas de Ensinos Médio e Fundamental, defendem que, ao conhecer outras culturas, os alunos passam a refletir sobre a própria cultura, aumentando a capacidade de analisar o seu entorno social, além de estabelecer vínculos, semelhanças e contrastes com outros povos.

Da mesma forma, o Marco Comum Europeu (COUNCIL OF EUROPE, 2001), referência para o Ensino de Línguas na Europa, afirma que o enfoque cultural proporciona aos aprendizes de uma língua a necessidade de superar barreiras linguísticas e culturais para comunicar-se de maneira adequada. Nesse sentido, percebe-se claramente que a reflexão sobre as diferenças culturais entre povos é um fator naturalmente presente – e necessário – dentro dos processos de aprendizagem e ensino de Línguas Estrangeiras. Tal fato exige dos participantes do processo a necessidade de compreensão e de interpretação do “outro” dentro de seu próprio contexto.

Podemos dizer que durante o processo de ensino e aprendizagem de línguas o aprendiz deve ser preparado para ter uma competência intercultural⁶ tal, que ao se expor em uma aula de língua estrangeira – literalmente ao discurso do outro –, esteja aberto para compreender o mundo sobre distintas perspectivas (KRAMSCH, 1993). Segundo Nunan (1992), toda cultura deve ser compreendida como prática social e exige o estreitamento com a língua, vinculando a aprendizagem ao modo de pensar e de agir do outro, através da linguagem.

Segundo Byram (1989), para desenvolver o ensino de línguas dentro de uma dimensão que se entende por cultural é preciso reconhecer como objetivos do processo de ensino e aprendizagem não apenas os valores linguísticos, isto é, aquisição de vocabulário e estruturas da Língua, mas também aspectos que envolvem características específicas de outras culturas. Para ele, é preciso preparar o aprendiz de uma língua estrangeira para interagir com pessoas de outros países e de outras culturas, ensinando-os e capacitando-os para aceitar o outro e entendê-lo como indivíduo que carrega perspectivas em relação à vida que podem ser bem distintas⁷.

A maneira como a cultura se apresenta no processo de ensino e aprendizagem de uma língua deixa claro, definitivamente, a importância de refletir sobre costumes e valores, visões de mundo e maneiras de agir dos outros, exigindo do aprendiz a compreensão de que, para se aprender uma língua diferente da sua é preciso estar disposto a entender e respeitar o outro e suas idiossincrasias⁸.

⁶ Segundo Byram (*apud* OLIVEIRA, 2014), a competência comunicativa intercultural pode ser definida como o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para que um indivíduo interaja, de forma efetiva e apropriada, com outros indivíduos que são linguística e culturalmente diferentes dele.

⁷ Para Byram (1993), há cinco componentes para se alcançar a competência comunicativa intercultural: o primeiro são as atitudes interculturais – a curiosidade, a abertura e a prontidão para suspender descrenças sobre outras culturas; o segundo é o conjunto de conhecimentos que o indivíduo possui sobre os grupos sociais e seus produtos e suas práticas em seu próprio país e no país do outro; o terceiro são as habilidades de interpretação e de relação; o quarto componente são as habilidades de descoberta e de interação, que constituem a capacidade do indivíduo de construir novos conhecimentos sobre uma cultura e sobre práticas culturais, bem como a habilidade de ativar conhecimentos; o quinto componente é o desenvolvimento de uma consciência crítica cultural. Os termos em francês são, respectivamente, *savoir être*, *savoirs*, *savoir comprendre*, *savoir apprendre/faire*, *savoir s'engager*.

⁸ Apesar de que, ao que parece, a preponderância dos aspectos linguísticos, parecem ainda estar evidentes nos processos de ensino e aprendizagem de línguas, em detrimento de aspectos culturais –

Para isso, faz-se necessário, portanto, uma reflexão cada vez maior sobre a diversidade e heterogeneidade que compõem cada um e todo e qualquer grupo, bem como as especificidades de cada sujeito. Não se pode mais utilizar-se de aspectos culturais somente como pano de fundo para o ensino de estruturas linguísticas. Aspectos culturais relevantes como a literatura, a arte e a música, por exemplo, não podem ser apresentados apenas como aspectos ilustrativos nas aulas.

Também é importante registrar o perigo de, ao se ensinar uma nova língua – como o inglês, por exemplo – se repassar determinados padrões culturais como sendo absolutos, sem as devidas e necessárias discussões das diferenças e semelhanças com a cultura materna. Ao docente cabe o exercício da reflexão e o cuidado adequados, a fim de não aceitar o perpetuar de qualquer tipo de estereótipo cultural.

2. O PAPEL DA LITERATURA NO CONTEXTO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Não há dúvidas de que, a presença da cultura nos processos de ensino e aprendizagem de uma segunda língua traz a certeza de que, tanto a valorização da voz do sujeito/professor, quanto do sujeito/estudante, devem se sensibilizar em relação à escuta de múltiplas outras vozes, posicionando-se contra todo e qualquer tipo de polarização de saberes, assumindo, através do diálogo, uma perspectiva de construção do conhecimento de forma dialética e multidimensional (SOBRAL, P.; JOUËT-PASTRÉ, C., 2004, p.40).

Essa perspectiva, tanto é compartilhada por Bakhtin⁹, quanto por Vygotsky¹⁰ e Edgar Morin. Em “Educar na Era Planetária¹¹”, Morin – juntamente com Raul Domingo

transmitidos na maioria das vezes da maneira superficial, quero dizer, como se houvessem verdades absolutas (KRAMSCH, 2001).

⁹ Para Bakhtin, o dialogismo aplicado ao ensino de línguas estrangeira é importante na medida em que focaliza as dimensões culturais e interpessoais da linguagem e examina discursos que são formados pelas vozes nele envolvidas (HALL, Joan K. Dialogue with Bakhtin on Second and Foreign Language Learning: new perspectives. New York: Routledge, 2013).

Motta e Emilio-Roger Ciurana –, discute as implicações de um mundo voltado para a prevalência das técnicas e do mercado em oposição à condição ética dos sujeitos à margem. A proposta, segundo os autores, é educar para a era planetária e o pensamento ali descrito representa um passo importante para o processo de ensino e aprendizagem como um todo. “Educar na Era Planetária” é educar para a totalidade, em outras palavras.

De modo claro, o objetivo é de que o conhecimento não seja algo simplesmente fragmentado, no qual deve importar somente o ser individual. É preciso educar para o planeta, como se tudo fosse parte indissolúvel do todo – em todos os sentidos. Tal pensamento – chamado de “complexo”, como diriam os autores do livro supracitado –, é também contemplado no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, todas as vezes que se entender que a cultura não pode ser desvinculada do processo.

Levando em consideração a definição do conceito de cultura, compartilhado por Laraia no início deste estudo, entendemos que aquilo que o homem aprende de modo particular ou coletivo, de modo formal ou informal, acumula-se nele enquanto cultura e o serve como conhecimento.

Dentre todos os conhecimentos possíveis de serem acumulados, portanto, a Literatura tem lugar cativo, uma vez que sua esfera de circulação é muito abrangente, evidenciando-se, muito destacadamente, o espaço escolar. O processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira pode, sem dúvida alguma, encontrar uma forte parceria com a Literatura – uma forma de cultura – especialmente a partir dos Clássicos da Literatura Universal, por exemplo¹². Para isso, é preciso definir o que é

¹⁰ A teoria sociointeracionista volta-se para questões de ensino e aprendizagem, tal como é postulado por Vygotsky (1991), e contribui para o entendimento de que a interação entre professor e aluno em sala de aula é imprescindível para o desenvolvimento da aprendizagem com aplicação social.

¹¹ Ver o capítulo de referências bibliográficas.

¹² *Contos, poemas, dramas* são formas de apresentação da literatura. Para o presente enfoque, escolhemos os Clássicos da Literatura Universal – *romances* –, como gênero literário. A partir dele, justificaremos o seu papel como importante mediador de culturas; como instrumento para a aquisição de um Língua Estrangeira.

um Clássico e responder por que esse gênero pode ser relevante no processo de ensino e aprendizagem – como forma de cultura?

O livro de Ítalo Calvino (1923 – 1985), *Por que ler os clássicos* (1991), republicado pela Companhia das Letras no ano de 1993, nos convida a releituras de textos clássicos. Nessa obra, o autor faz uma afirmação e define esses livros – os clássicos – dizendo que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 1993, p.11). O autor italiano, nascido em Cuba, nos desafia a entender a importância e o papel da leitura dos clássicos para a formação do ser humano de uma forma geral. De obras da Grécia, atravessando séculos de tradição literária ocidental, ele termina em plena vanguarda contemporânea¹³.

Para Ítalo Calvino é como se os clássicos da literatura universal não nos ensinassem algo que não sabíamos. Para ele, é fundamental perceber que ao lermos um clássico, muitas vezes tentamos contradizê-lo, criticá-lo ou ofendê-lo e é isso que o faz especial e diferente. É isso que define um clássico. O clássico interage conosco de diversas formas, nos agradando ou não. Os clássicos nunca são indiferentes ao leitor e ao mundo ao qual se reporta¹⁴.

De fato, o que aprendemos é que podemos tranquilamente entender a literatura como forma de cultura – os Clássicos da Literatura Universal –, dadas as grandes chances de interação e dos contextos que elas nos emprestam. Isso porque, por sua própria natureza, a literatura é um fato de civilização e também é condicionada por seu meio – como diria Manzatto (1994).

Isso quer dizer que, ao mesmo tempo em que ela é influenciada pelo seu meio, ela exerce também influência sobre as pessoas e sobre a sociedade à qual é dirigida ou com a qual dialoga. Nesse sentido, entre a literatura e a sociedade há uma interação

¹³ Suas análises partem desde autores fundamentais da antiguidade, passando por Xenofonte e Ovídio e pelos modernos Voltaire, Henry James e Tolstói, até chegar a Jorge Luís Borges.

¹⁴ Nesse sentido, quem nunca soube da existência de *Frankenstein* (1818) de Mary Shelley (1797 – 1851) e não se angustiou até o dia em que “Victor Frankenstein” consegue dar vida ao ser que ele decidiu criar? E mais: quem nunca deixou de se posicionar com relação à decisão por ele tomada? Quem não se inclui como plateia atenta às consequências que essa invenção trará ao seu criador? Quem não sofreu com a criação do “Dr. Frankenstein” ao perceber-se rejeitada pela sociedade e envolta em um ciclo de preconceitos que tem começo, mas parece não ter fim?

dialética de influências. Logo, podemos dizer que a literatura não nos separa do mundo, mas, ao contrário, pode colocar-nos numa relação mais direta com ele. Eis um dado importante para justificar a sua mediação nas aulas de aprendizagem de Línguas Estrangeiras.

Todorov (2009, p.22), importante estudioso da literatura, descreve que “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles, numerosas características”. Não é por acaso que, segundo ele, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes – da ficção e da realidade. Na mesma direção, Eagleton (2006, p.297), outro estudioso de literatura, aponta para o fato de que “quanto mais nos afastamos da rica interioridade da vida pessoal, da qual a literatura é o exemplo supremo, mais descolorida, mecânica e impessoal se torna a nossa existência”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa própria humanidade (CÂNDIDO, 1995).

Embora possam haver divergências com relação ao melhor caminho para se ensinar uma língua estrangeira, parece que há, pelo menos, um ponto em comum, segundo temos percebido: a importância da vinculação da cultura no processo de ensino e aprendizagem de uma outra língua. Esse dado alcança, dentre vários importantes atores, tanto os documentos oficiais – sejam eles brasileiros ou europeus – quanto os grandes estudiosos do ensino de línguas.

A aprendizagem de uma língua estrangeira, portanto, deve estar atrelada ao desenvolvimento da uma competência comunicativa intercultural, como vimos acima. Ensinar uma Língua Estrangeira implica em mudança de comportamento e de atitude com relação à própria cultura e à culturas alheias. Não se deve ensinar uma Língua

Estrangeira sem ao menos oferecer aos aprendizes alguma visão do universo cultural no qual essa língua está inserida.

Nesse sentido, encontramos na literatura uma parceria importante, uma vez que ela serve de espelho, na medida em que a sua leitura implica em troca de sentidos, não somente entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade e seus valores culturais!

A literatura – como forma de cultura – pode ter um papel importante em uma aula de língua estrangeira, uma vez que ela compartilha visões de mundo localizadas em tempo e espaço determinados. Uma vez que o mundo não está completamente acabado, mas em completo devir, a leitura de um texto literário – de um clássico da literatura mundial, por exemplo – abre uma porta entre “o meu mundo” e “o mundo do outro”, e o sentido somente se completa quando esse trânsito se efetiva – quando se faz a passagem dos sentidos entre um e outro. É preciso estar aberto para a multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra em dizê-lo para que a aula se concretize, se efetive e seja, portanto, significativa.

É preciso dizer que o efeito de proximidade que o texto literário pode trazer com relação ao mundo é sempre resultado do produto de sua inserção profunda na sociedade. É justamente para ir além da simples leitura que a literatura se faz fundamental no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira – e, nessa direção, a literatura funciona como instrumento de compartilhamento de culturas.

Assim, como diz Morin:

Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas – e por meio de – culturas singulares. Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos. Devemo-nos dedicar não só a dominar, mas a condicionar, melhorar, compreender (*apud* SOBRAL, P.; JOUËT-PASTRÉ, C., 2004, p.52).

A literatura é, sem sombras de dúvidas, um instrumento que compartilha esse sentimento, descrito acima. É, definitivamente, uma viagem através de culturas e,

portanto, mais um caminho por onde devemos seguir durante as aulas de Língua Estrangeira. Desse modo, podemos dizer que a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Língua Estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BROWN, H.D. **Principles of Language Learning and Teaching**. Nova York: Pearson Education, 2007.
- BYRAM, Michael. **Cultural studies in foreign language education**. Clevedon: Multilingual Matters, 1989.
- BYRAM, Michael; MORGAN, Carol. et al. **Teaching-and-learning language-and-culture**. Philadelphia: Multilingual Matters, 1993.
- CÂNDIDO, Antônio. **O direito à Literatura**. Vários Escritos. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COUNCIL OF EUROPE. **Common european framework of reference for languages: learning, teaching, assesment**. Strasbourg: Council of Europe, 2001.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HALL, Joan K. **Dialogue with Bakhtin on Second and Foreign Language Learning: new perspectives**. New York: Routledge, 2013.
- MANZATTO, Antônio. **Teologia e Literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- MORIN Edgar, ROGER Emilio Ciurana, MOTTA Raúl. **Educar na era Planetária**. São Paulo: 2 ed. Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.
- KRAMSCH, Claire. **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- _____. **Language and culture**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- MOTA, Kátia M.S. Incluindo as Diferenças, regatando o coletivo – novas perspectivas multiculturais no ensino de línguas estrangeiras. In: **Recortes Interculturais - na sala de aula de línguas estrangeiras** - Katia Mota e Denise Scheyerl (org) Salvador, EDUFBA, 2004. p.35-55.
- NUNAN, David. **Research method in Language Learning**. Cambridge: Cambridge University, 1992.
- OLIVEIRA, Luciano A. **Métodos de Ensino de Línguas: teorias, práticas, ideologias**. São Paulo: Parábola, 2014.

SOBRAL, P., JOUËT-PASTRÉ, C. Tal Brasil, Qual Cultura? Reflexões e reflexos do imaginário brasileiro no ensino do português como língua estrangeira. In: **Recortes Interculturais - na sala de aula de línguas estrangeiras** - Katia Mota e Denise Scheyerl (org) Salvador, EDUFBA, 2004. p.223-241.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.